

A ESPACIALIDADE E AS ECOLOGIAS DA VIDA EM TIM INGOLD

POTYGUARA ALENCAR DOS SANTOS ¹

RESUMO

Ao ensaio interessa investir na revisão de alguns conceitos que são produzidos a partir de uma noção de “espacialidade” em Tim Ingold. O trabalho é desafiado a experimentar duas asserções hipotéticas: [1.] a de que a ideia de espacialidade no autor dá suporte a uma larga quantidade dos seus elementos conceituais, além de constituir, ela mesma, o fundamento epistêmico do que denomina de *ecology of life*²; e [2.] a de que o uso de termos referidos à espacialidade pode ganhar, a partir da condução das suas análises, um valor de conselho à vivência etnográfica: isto é, a compreensão integrante das naturezas relacionais dos mundos da vida, razão central de definição argumentativa da obra de Ingold, seria informativa à experiência de campo. Em objetivo ampliado, o ensaio é uma recuperação do protejo conceitual do autor a partir dos seus principais escritos.

PALAVRAS CHAVE: Tim Ingold; Espacialidade; Empiria etnográfica; Ecologia da vida; Perspectiva da vivência.

[1] Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília (PGAS/UnB). Bolsista de Doutorado do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: potyguara.alencar@gmail.com. Currículo Lattes: [Currículo Lattes CNPq].

[2] Nota del Editor: Dado que los conceptos de Tim Ingold no han sido traducidos al español, hemos decidido dejar los términos como los utilizo el autor. En el caso de la bibliografía hemos mantenido el nombre original en inglés. Sin embargo, ensayamos una posible traducción para cada concepto. En este caso: Ecología de vida.

Fecha de recepción: . Fecha de aceptación:

ABSTRACT

My purpose is to review some concepts produced from a notion of “spatiality” in Tim Ingold. The work is challenged to experience two hypothetical assertions: [a.] The idea that the spatiality of the author supports a large amount of their conceptual elements, in addition to being herself, the epistemic foundation of what he calls the ecology of life, and [b.] that the use of terms such spatiality can earn from conducting their analyzes, a value of advice to the ethnographic experience: that is, the understanding of the integral nature of relational worlds of life , central reason argumentative definition of the work of Ingold, would be informative to the field experience. The essay is a conceptual recovery of the project of Ingold using their major writings

Keywords: Tim Ingold; Spatiality; Ethnographic empiric; Ecology of life; Dwelling perspective;

RESUMEN

La prueba está interesada en invertir en la revisión de algunos conceptos que se producen a partir de una noción de “espacialidad” de Tim Ingold. El trabajo tiene el reto de experimentar dos afirmaciones hipotéticas: [a.] La idea de que la espacialidad soporta una gran cantidad de sus elementos conceptuales, además de ser ella misma, el fundamento epistémico de lo que se da en llamar *ecology of life*, y [b] que el uso de términos tales espacialidad puede ganar de la realización de sus análisis, un valor de asesoramiento a la experiencia etnográfica: es decir, la comprensión de la naturaleza integral de los mundos relacionales de la vida , la razón central de definición argumentativa de la obra de Ingold, sería informativo a la experiencia de campo. Para ampliado, el ensayo es una recuperación conceptual proteger al autor de sus principales escritos.

PALABRAS CLAVE: Tim Ingold; Espacialidad; Empirismo Etnográfico; Ecología de la vida; Perspectiva de Vivienda;

PROPOSTA EM APRESENTAÇÃO

O ensaio teórico em apresentação propõe dois experimentos a partir do projeto conceitual de Tim Ingold. O primeiro desses exercícios seria o de [i.] produzir um inventário de elementos conceituais baseados numa certa noção de “espacialidade” que estaria, por hipótese, inscrita a vários dos seus argumentos (Ingold, 1976; 1986a; 1986b; 2008; 2011; 2000). Num segundo instante, [ii.] relacionar essa produção conceitual à ideia da vivência etnográfica, aduzindo o problema de que ainda existem certos comentários pouco explorados sobre o método a partir do autor, o que também incentiva a pensar a possibilidade de investigar mundos da vida (humanos e não humanos e suas materialidades mediadas) partindo de uma conversação com o que Ingold chama de uma *ecology of life*.

Pergunta-se pelas expressões conceituais que estão referidas a uma ideia de “espaço” e da sua percepção e experiência, acercando as hipóteses de que uma noção de espacialidade explora a compreensão de boa parte dos seus conceitos, além de haver nessa sua proposta um comentário revisionista das ciências ideográficas de um modo geral, e, em especial, do próprio método etnográfico, que trabalharia a partir de vocabulários epistemológicos e metodológicos seccionais: “recorte” (de uma problemática de investigação científica), “destaque” (de um campo vivencial de pesquisa), “distanciamento” (como marca de objetividade), “distinção/classificação/conceituação” (de formas, conteúdos e elementos categoriais), entre outros. O que a *ecology of life* (Ingold, 2000) teria a problematizar sobre essa posição de linguagem e produção das ciências sociais e, em particular, do método etnográfico, que em certos casos trabalha pelo registro da diferenciação heteróclita entre mundos da vida (humano, animal e objeto) quando voltado a analisar os campos espaciais da experiência relacional entre esses entes? Como

as conceituações espaciais de *meshwork*³, *dwelling*⁴, *lines*⁵ e *landscape*⁶, por exemplo, podem ser lidos como investimentos teóricos em direção ao propósito revisionista do autor sobre determinados nós epistemológicos disciplinares?

Orientando-se a refazer em análise teórica o projeto autoral desses conceitos, alguns trabalhos são revisitados, como certas entradas já presentes em *The Skolt Lapps Today* (1976), trabalho monográfico onde são desenvolvidas atenções sobre noções de “territorialidade” e “movimento” a partir de dados colhidos de pesquisa etnográfica própria do autor, além do apuro dessas mesmas conceituações em *The Appropriation of Nature* (1986a) e *Hunters, Pastoralists, and Ranchers* (1980). Também a abordagem do tema conceitual do espaço em obras mais recentes, como em *The Perception of Environment* (2000), onde se afigura a discussão clássica sobre a *dwelling perspective*⁷, e em *Lines* (2007) e *Being Alive* (2011), que são resultados sintéticos do objetivo do autor de propor solvências nas mediações distintivas entre unidades animais, humanas e objetais e nas fronteiras sensíveis entre as formas que entremeiam essas unidades, inaugurando um exercício analítico que procura contradizer a incapacidade da mutualidade participativa desses entes na construção dos seus respectivos mundos. Ainda na construção dessa análise que tende a produzir um estado da arte da teórica ingoldiana, a obra *Evolution and Social Life* (1986) é apontada como um momento reflexivo particularmente importante à criação de um alicerce temático sobre o valor do “tempo” que daria sentido à sua *ecology of life* anos depois dessa última produção citada.

AS MESHWORKS NUMA APROPRIAÇÃO DE MÉTODO PARA O ENSAIO

Uma iniciativa de conhecer, relacionar e discutir os temas conceituais que apontam para uma ideia de “espacialidade” em Tim Ingold, sempre os reposicionando nos seus campos originários de discussão – como a filosofia de Bergson (1911), parte da antropologia de Radcliffe-Brown (1951) e Mauss (1979) e a psicologia da percepção de Gibson (1979), além de outros autores e áreas disciplinares que influenciaram a *ecology of life* –, levaria, certamente, à questão de como dar início ao exercício analítico aqui posto em desafio, visto o grande número de abordagens do autor que procuram explorar um vínculo epistêmico entre uma ideia de “movimento” e a sua “realização espacial” e entre a compreensão de “formas-espaço” e das suas “temporalidades dispostas no tempo das relações”, além de outras formulações possíveis em que o espaço é tematicamente centralizado.

É em observando essa diversidade dos seus trabalhos – produção sempre expansiva como uma *meshwork* (Ingold, 2011) entre diversas iniciativas analíticas –, que proponho uma maneira ingoldiana de experienciar o conhecimento: pelo “movimento”. O ensaio não buscará na trajetória da produção do autor apenas os “nós” conceituais e argumentativos mais localizáveis, mas privilegiará, por outro lado, justamente os conceitos que são gerativos de outras linguagens conceituais – como a passagem de uma ideia de *network* para a proposta de uma *meshwork* (Ingold, 2011) que explicarei a seguir. Isto é, ao invés de me concentrar na localização e definição pontual de conceitos, proponho, por outro lado, uma tentativa de relacionar definições que são comuns à totalidade da proposta de Tim Ingold. Diferente de apenas descrever objetivos isolados de análise, pretendo relacionar proposições, de modo que ao final tenhamos uma *meshwork* conceitual das suas ideias, e não apenas um exercício descritivo que procure isolar definições sem explorar a estruturação ampliada do pensamento do autor. Nesse sentido, é muito mais interessante abordar as origens da ideia de *meshwork* (Ingold, 2011) a partir do sentido

[3] N. de E.: Malla o entramado.

[4] N. de E.: Morada.

[5] N. de E.: Líneas.

[6] N. de E.: Paisaje.

[7] N. de E.: Perspectivas de vivienda.

originário de *network*⁸ (Latour, 2005), do que simplesmente dar as conceituações de cada uma delas sem localizar o fundo de compreensão comum que as unifica e também as distinguem. Metodológica e analiticamente, o ensaio se destina ao desdobramento da malha de ideias secundárias que une esses e outros conceitos presentes em obras situadas em vários momentos da carreira intelectual do autor.

A imagem dessa *meshwork*, pensada como modelo analítico em resposta de uma *network* (Latour, 2005), corresponde à construção de um *interweaving of lines*⁹ (Ingold, 2011: 64), situação onde “every such line describes a flow of material substance in a space that is topologically fluid”¹⁰ (Op. cit.: 64). Como imagem e conceito, a *meshwork* realiza o rompimento do que se concebe como sendo as estruturas nodais das *networks*, modelos em cuja vida está a depender das relações estritas, discretas e semiotizantes. A *meshwork*, diferentemente, seria um conceito do aberto, do generalizante e englobante, refere a sua imagem ao movimento das formas, aos contatos próximos e não permanentes; as suas linhas são feitas de movimentos em fluxo no espaço, contínuos de vida que fazem interagir entes relacionais.

Quando se propõe aqui a buscar pela trajetória das ideias de Tim Ingold nas suas obras, de modo algum se procura simplesmente pelos campos matriciais dos conceitos, mas sim pela iniciativa de capturá-los nos seus fluxos gerativos entre uma obra e outra, nas correntes de significados que podem começar num vocativo conceitual, mas que logo em seguida se expande à existência das diversas ideias do autor que podem se encontrar numa segunda obra; movimento onde uma ideia prescinde do acúmulo reflexivo de outra, mas sem definir a anulação daquela primeira.

A ESPACIALIDADE INFORME DOS CONCEITOS

Compreende-se que algumas conceituações derivadas de uma ideia de “espaço” na obra de Tim Ingold são apenas entradas seletivas frente às inúmeras outras que poderiam ser tomadas. O intuito de tomar essa opção responde, na verdade, à hipótese de que noções como *meshwork*, *landscape*, *dwelling*, *lines*, *life*¹¹ e *movement*¹², por exemplo, teriam certa centralidade na maneira do autor de conceber o que chamou de uma *ecology of life*. Como é admitido por Ingold (2011), as ideias de *life* e *movement* são expressões particularmente aproximadas em vista de pensar um novo entendimento de uma processualística da vida pelas suas formas e ambientes:

It is of the essence of life that it does not begin here or end there, or connect a point of origin with a final destination, but rather that it *keeps on going*, finding a way through the myriad of things that form, persist and break up in its currents. Life, in short, is a movement of opening, not of closure (grifo meu)¹³ (Ingold, 2011:4).

Se a vida é tomada como uma processualidade englobante, uma cinética de articulações entre entes cujas naturezas estão “acontecendo” dentro desse movimento, então seria possível se perguntar em que cenários, em que contextos esses movimentos se realizam. Essa pergunta é respondida pelo próprio autor, quando propõe produzir leituras que investem na valorização do que chamou de “potenciais

[8] N. de E.: Red.

[9] N. de E.: Entrelazamiento de líneas.

[10] Cada una de estas líneas describe un flujo de substancia material en un espacio que es topológicamente fluido. (T. del E.)

[11] N. de E.: Vida.

[12] N. de E.: Movimiento.

[13] Es la esencia de la vida que no comienza aquí o termina allá, o que esta sea conectar un punto de origen con un destino final, *sino que es una marcha*, descubriendo caminos a través de la miriada de cosas que forman, persisten y rompen en sus corrientes. La vida, en resumen, es un movimiento de apertura, no de clausura

of human life”¹⁴ (Ingold, 2011:3); algo traduzido como uma atitude analítica de abordar a vida a partir da sua potência criativa e inesperada, na sua construção em aberto, a partir das histórias biográficas que criam campos mutualísticos entre unidades animais e objetos.

Nesse intento de procurar por uma *meshwork* conceitual relativa ao tema da espacialidade abordado por Ingold, a primeira referência pode ser encontrada em *The Skolt Lapps Today* (1976), trabalho etnográfico do autor em que aborda o habitué social no trabalho, na política e na vida doméstica dos povos Skolt Lapps¹⁵.

Skolt Lapps é o vocativo etnolinguístico que designa os grupos habitantes da região da Lapônia, no norte da Noruega, Suécia e noroeste da Rússia. Entre outras abordagens, o autor está produzindo um relato da geopolítica que fixou historicamente esses grupos naquela região, a sociologia das organizações que os compreendem e os aparelhos burocráticos de administração das formas de ocupação territorial dessas populações. Durante a sua exposição etnográfica ainda são produzidas leituras sobre os arranjos socioespaciais articulados pelos grupos étnicos no processo de ocupação do território. Também são relacionados esses arranjos às economias produtivas locais – advindas, principalmente, da cultura do pastoreio da rena –, aos modos de habitação e à distribuição político-laboral dos grupos no interior dos assentamentos onde vivem, entre outros aspectos.

É notável o interesse do autor por algumas figuras de “movimento” e de “espaço” observáveis na tecnologia da atividade pastoril, quando narra a lida laboral entre homens e animais, o estado de semi-liberdade do rebanho, os traços das relações entre humanos e renas, acentuando a infraestrutura técnica envolvida nas etapas de captura e abate do animal. Em todos esses instantes, deixa-se à mostra um sistema socioecológico onde as relações entre homem, animal e espaço devem ser entendidos “mutuamente” determinantes dos sistemas de vida em interação; e onde todos os viventes estendem suas relações em graus de interdependência complementar num ambiente co-construído. Ao final do texto, o autor ainda articula uma interpretação em que relaciona a organização de parentesco do grupo com a concepção de espacialidade que a subscreve:

The resettlement plan imposed its own structure on the pattern of social interaction through the constraints of spatial distance and proximity, which have tended to override kinship as a principle of organization¹⁶ (Ingold, 1976:137).

Aqui, em particular, reflete-se sobre os impactos das políticas de reassentamento sobre essas populações. Em outras passagens, quando comenta o modo de aproveitamento e gerenciamento territorial produzido na economia do pastoreio, nota-se a preocupação em destacar tipos de deslocamento (do homem, dos animais e dos seus modos de habitação) e das formas de apropriação, em movimento, de certas espacialidades. Observa-se que diferente de pensar “espaço” como um momento em que as relações se fisicalizam, Ingold (1976) privilegia o fenômeno do movimento e das interações para falar do espaço, concluindo que a construção do território espacial étnico do grupo Skolt Lapps só é compreendida se observada a experiência laboral, técnica e política que encerram as suas inúmeras vivências no espaço de uma territorialidade.

O mesmo tema do espaço, lido agora por uma noção de “territorialidade”, foi desenvolvido anos adiante, no seu “Territoriality and tenure: the appropriation of space in hutting and gathering societies” (1987), marcando um momento em que o autor reanimava as ideias de espaço e território explorando a forma como essas duas unidades observáveis são construídos através da vida laboral das sociedades de caçadores e coletores estudadas por ele. Em nenhum desses trabalhos, espaço ou território são entendidos como elementos pré-dados de um sistema socioecológico: como construções ocorrentes na vida, um espaço “percorrido” e um território “habitado” são realizações apenas possíveis

[14] N. de E.: Potenciales de la vida humana.

[15] Se refiere al pueblo Lapón.

[16] El plan de reasentamiento impuso su propia estructura sobre los patrones de interacción social a través de las restricciones de la distancia y proximidad espacial, los cuales han tendido a invalidar al parentesco como principio de organización

enquanto movimentos que estão ocorrendo e interagindo, como nas imagens etnográficas cedidas pelo autor do caminhar da presa pela floresta e das pegadas do caçador que prevê certos encontros nas trilhas que fazem alguém visibilizar criaturas nas suas trajetórias (Ingold, 1986a); nesse quadro de descrição, Ingold privilegia falar de três figuras de movimento para etnografar um espaço co-construído pelo caçador e sua presa: a trilha, as pegadas e o encontro. O espaço, por esse entendimento, não é a matéria que resume as relações, muito menos a substância que condiciona a existência de um movimento, mas um resultado interativo, um chaveamento inscrito numa temporalidade marcante de um contato entre unidades da vida que estão em movimento.

É por esse mesmo cálculo analítico que entende o espaço como um produto das relações, muito menos do que uma condição para a existência dessas, que Ingold (1993) tende a fazer comunicar o conhecimento da “arqueologia” (*archaeology*) – ciência que para ele seria orientada à compreensão da “paisagem” (*landscape*) – e da “antropologia” (*anthropology*) – conhecimento investido em pensar a “temporalidade” (*temporality*) nas suas relatividades vivenciais. O espaço seria, então, um composto onde se faz interagir uma temporalidade das coisas, que resultaria, a partir daí, na geração da paisagem, que é lida como uma resultante dessa interatividade. Por esse entendimento, o espaço seria um compósito entre uma temporalidade das vivências e as suas marcas traduzidas na construção da paisagem.

(...) human life is a process that involves the passage of time. Second, this life-process is also the process of formation of the landscapes in which people have lived. *Time and landscape*, then, are to my mind the essential points of topical contact between archaeology and anthropology (grifo do autor)¹⁷ (Ingold, 1993:152).

Ainda em *The Appropriation of Nature* (1986), obra de argumentação transitória entre o investimento em estudos sobre sociedades pastoris e as suas propostas analíticas mais recentes, Ingold (1986a) está colocando em discussão dois princípios de classificação espacial para falar de sociedades tradicionais: as ideias de *land tenure* e *territoriality*. O debate sobre a condição oposicional desses dois termos é centralmente importante nesse momento da obra do autor pelo que ele suscita no seu projeto teórico geral, cujo problema se pergunta como produzir mediações compreensivas para se entender o que acontece na limitação entre o mundo social e o mundo das materialidades. As perguntas sobresalentes nesse momento são: onde a cultura se faz próxima do universo biológico e das suas formas de vida? Enfim, como a cultura e a natureza podem ser pensadas como unidades indistintas a partir da ecologia da vida? Sem dúvida esse é o desafio colocado até hoje à proposta do autor. E ele é notadamente importante ao problema deste ensaio na medida em que faz relevar o fato de que a espacialidade (ou as espacialidades) não são simplesmente ambientes do acondicionamento das relações, mas sistemas integrados que resultam diretamente delas. O espaço é compreendido como uma *story-telling*¹⁸ das formas de vida, dos seus contatos e transformações. E assim é concebida a oposição do par de conceitos *land tenure*¹⁹ e *territoriality*²⁰, que foram supramencionados:

(...) *territorial behavior* is a basically a mode of communication, serving to convey information about the location of individuals dispersed in space. By contrast (...), *tenure* is a mode of appropriation, by which persons exert claims over resources dispersed in space²¹ (grifo meu) (Ingold, 1986a:133).

[17] [la] vida humana es un proceso que involucra el pasaje del tiempo. Segundo, este proceso de vida es también el de la formación de paisajes en los cuales la gente ha vivido. *Tiempo y paisaje*, son, en mi opinión, los puntos esenciales del contacto actual entre arqueología y antropología.

[18] N. de E.: Contar historias.

[19] N. de E.: Tenencia de la tierra.

[20] N. de E.: Territorialidad.

[21] (...) [el] *comportamiento territorial* es básicamente un modo de comunicación, que sirve para transmitir información sobre la localización de los individuos dispersos en el espacio. Por contraste (...), la *tenencia* es un modo de apropiación, por el cual las personas ejercen demandas sobre los recursos dispersos en el espacio. (T. del E.)

Por essa definição, não seria estranho que as suas asserções conceituais sobre a ideia de espaço se desviassem da apriorística kantiana (Kant, 1987), por exemplo, que fundamentiza o “espaço” como uma realização mentalista precedente ao engajamento dos entes no mundo, um dado anteposto à existência. Sobre o desenvolvimento da ideia apriorística transcendental do filósofo, a consulta do ensaio “Da doutrina transcendental dos elementos: estética transcendental: do espaço” (1787) faria notar, se bem explorado, o lugar da abordagem categorial de Kant e a leitura empiricamente informada de Ingold. E assim são sentenciadas as quatro asserções da apriorística kantiana sobre o “espaço”. Elas são mencionadas em vista de fazer destaque opositivo entre a leitura ingoldiana sobre esse conceito e aquela da conceituação cedida pelo filósofo da doutrina transcendental:

[i.] O espaço não é um conceito abstraído das experiências externas (...) [ii.] O espaço é uma representação a priori necessária que subjaz a todas as intuições externas (...) [iii.] O espaço não é o um conceito discursivo ou, como se diz, um conceito universal das coisas em geral, mas sim uma intuição pura (...) [iv.] O espaço é representado como uma magnitude infinita dada (...) (Kant, 1987:41).

Ao lado das tentativas ingoldianas de teorização sobre o espaço – para quem “os organismos não são unidades discretas” (Ingold, 2000:4, tradução minha) – a apriorística kantiana parece ser um ponto refratário ao objetivo de uma *ecology of life*, na medida em que torna os cenários da vida ausentados de fenômenos. Na doutrina transcendental, a totalidade do mundo está pré-teorizado e, a contento do conceito de espaço, não são pensadas as formas construtivas de realização do mundo pela interação entre unidades fenomenísticas.

Toda essa reflexão que tenta centralizar uma noção de espacialidade no pensamento ingoldiano tende a tocar em outro aspecto, esse bastante notável na sua teoria: como dimensionar o conceito de “percepção” na sua obra? E qual é a participação do espaço na definição desse conceito? O primeiro ponto destacável de uma noção de espacialidade diz respeito à condição de que: o espaço não é simplesmente um meio interativo de entes, nem mesmo o ambiente em que um modelo de relação se presentifica pelas suas unidades mutuamente comunicantes, e, sim, uma realização, um campo “produzido” de um momento de interatividades entre unidades de agentes. O espaço é, nesse sentido, modulante de formas de relações e é modulado – ou “estriado”, num sentido que daria a noção aduzida da filosofia de Deleuze e Guattari (1996) citada de maneira menos imagética e mais realística pelo próprio autor – ao instante em que tenho unidades de relações não discretas entre participantes de um “fluxo evolutivo”.

A argumentação em favor da linguagem dos “fluxos” (de unidades vivas, dos materiais ou de ambos colocados em relação recíproca, etc.) tão presente em obras como *Being Alive* (2011) e *Lines* (2007), já teria ganhado um aprofundamento analítico de outro viés quando posto em discussão em *Evolution and Social Life* (1986b), onde os chaveamentos conceituais sobre temporalidade são “história”, “evolução”, “passagem/permanência” e os vocativos conceituais derivantes são as ideias de “superogênico” (Ingold, 1986b:223), conceito revisitado dos estudos de Herbert Spencer, e de “evolução criativa”, que destaca da filosofia de Henri Bergson (Ingold, 1986b:173 apud Bergson, 1911). Todos eles são comunicantes à linguagem dos “fluxos” no autor, na medida em que esse conceito tenta informar o que parece ser matricial na sua teoria, que é o fato de que “o organismo somado ao ambiente não denota o composto de duas coisas, mas uma totalidade indivisível” (Ingold, 2000:19, tradução minha). Uma totalidade que é tanto resultante de um movimento macroevolutivo, onde interagiram as temporalidades criativas de diversos seres, como propriamente um movimento de substâncias interagentes que estão sempre ampliando o seu espaço relacional com outras unidades dentro de fluxos. A noção de “fluxo” foi pontuada pelo fato de ser mais um conceito ligado à noção de “espacialidade”, além de possuir notável valor diante da teoria geral detalhada.

Em retorno à ideia de “percepção” em Ingold, chega-se a uma definição conceitual que tende a centralizar o conceito dentro da experiência do “fluxo”; ou seja, o conceito de percepção no autor, assim como acontece com outros, é remissivo a categorias que denotam formas de movimentos e movimentos que criam espaços. Ressalta-se que o conceito de “percepção” assinalado em Ingold (2000) é originário dos comentários teóricos de Gibson (1979), que como explica o autor de *The Perception of Environment* (2000)

(...) is not the achievement of a mind in a body, but of the organism as a whole in its environment, and is tantamount to the organisms own exploratory movement through the world. If mind is anywhere, then, it is not 'inside the head' rather than 'out there' in the world²² (Ingold, 2000:3).

A percepção não estaria numa relação dentro/fora com o mundo a partir da tríade “mente”, “corpo” e “cultura” (Ingold, 2008), mas na integralidade desses três elementos que interagem sob o suporte de realidades materiais. Ao final da composição entre essa trinca de elementos que constituem a vida, é o “organismo” que toma forma, o organismo e a sua exterioridade criativa. A mente, nesse sentido, não é um lugar de acúmulo informacional, mas mais uma parte integrada do próprio organismo de potências exteriorizadas. Para a realização desse organismo de partes integradas, o mundo realístico é pensado com conjuntos de coisas exteriorizadas e vivendo um engajamento que possui um efeito prático sobre a sua constituição. Lembrando que o conceito de “organismo” para Ingold (1986a) não se resume à unidade corporal de qualquer ente, como um organismo vivo animal; “a properly ecological approach, to the contrary, is one that would take, as its point of departure, the whole-organism-in-its-environment”²³ (Ingold, 2000:19). O uso do conceito já pressupõe que várias unidades não discretas estão postas em regime de relações mutualísticas no ambiente, e que o composto dessas relações, que tem um potencial infinito de expansão, é que oferece realidade ao organismo.

Para tratar de noções de “espacialidade” que surgem na obra de Tim Ingold forjei a ideia de “espacialidade informe”. Essa expressão é um esforço interpretativo em busca de uma síntese de definição da noção de espaço em alguns dos textos desse autor.

Em todas as versões analíticas de suas obras em que o espaço é descrito como mais do que um recurso categorial, e sim uma condição praxiológica de existência dos entes de uma relação, a sua definição é a de uma unidade “informe”: se o espaço não é substrato, e nem de todo é somente o resultado de uma relação, se ele não é um apriorismo categórico, nem uma prova tão segura da existência de um contato (dado que as relações são flexionadas num gerúndio e vivem o tempo do “ocorrendo”, “se dando” e, por isso, são incapturáveis), então o espaço não é, ele mesmo, definível, “discritivo”, circulante, gerativo de “formas”.

Em lembrança da “sociologia das formas” de Simmel (1984) – autor que é citado por Ingold (2011) inúmeras vezes –, recorro que os modelos de sociação simmelianos pressupunham unidades sociais mais ou menos abertas, inscritas num determinante espaço-temporal em que as suas constituições se relacionariam em reciprocidade, mesmo quando essa relação estivesse disposta uma conflitiva que pudesse transformá-la. Diferente de Simmel (1984), para quem a “forma” remeteria à imagem de uma unidade estável de grupos sociais humanos interagentes e conflitantes, Ingold (1986a) não vê na forma o efeito de construções societárias concluídas. Para esse último autor, a forma das relações está sempre informatada, sem limitantes, na proporção em que todas as interações entre unidades pressupõem um grau infinitesimal de relações ocorridas num tempo evolutivo gerativo daquela unidade de contato. Ao mesmo tempo em que a “forma” descreve um contato, ela também define no ato a existência de uma corrente de outros segmentos de contatos que ou estão em relação sistêmica ou já se relacionam com aquelas unidades. As formas em Ingold (1987a) são unidades da história das interações criativas que estão sempre em processo construtivo. Logo, a espacialidade é um conceito que tende a “informatar” (retirar das formas) os organismos e envolve-los de novo nos seus próprios movimentos. E essa história (das unidades de organismos interagentes) é uma história do “ocorrendo”, situação em que os próprios organismos que se relacionam estão sendo construídos em mutualidade participativa por eles mesmos.

[22] (...) no es el logro de una mente en un cuerpo, sino del organismo como un todo en su ambiente, y es equivalente al propio movimiento exploratorio del organismo a través del mundo. Si la mente esta en todos lados, entonces, no esta “dentro de la cabeza” sino más bien “allí afuera” en el mundo. (T. del E.)

[23] un correcto enfoque ecológico, por el contrario, es uno que tomará, como su punto de partida, al organismo como un todo en su medio ambiente

Até aqui se empreendeu uma procura analítica por conceitos informados por categorias de espacialidade nas obras mais importantes do autor. O histórico desses conceitos demonstra um projeto que se arvora em direção ao que Ingold (2011) iria chamar *ecology of life*. O problema da abordagem ecológica, somada também à tendência transdisciplinar do autor, gera ainda outra questão a ser explorada: o quanto a etnografia, esse esforço de método, esse princípio de compreensão qualificado pelas axiologias da pesquisa de campo intensiva e da relativização, pode ser contemplada pela teoria do autor? Em definição sintética: o que uma *ecology of life* informa à pesquisa etnográfica? Em torno desse problema foi pensado o tópico seguinte.

A ETNOGRAFIA À MÃO: SKILL, DWELLING E O MÉTODO

Muitas das observações propostas por algumas das obras de Ingold (1986b; 2007) nos levam a discutir o sentido da “história” e da escrita da história. Discutindo essa história não capitulada com letra maiúscula e, dessa forma, pensada como um recurso do trabalho etnográfico, podemos chegar no nosso foco de análise, que se pergunta por uma etnografia possível segundo a proposta de uma *ecology of life*. A conversação que queremos criar está entre a história evolucionária das materialidades e das coisas, à maneira propalada por Ingold (1986b), e a etnografia: que argumentos da *ecology of life*, e da sua noção de história, contribuem para o enriquecimento da sensibilidade etnográfica?

Na tentativa de explorar esse problema, Ingold (1986b) está propondo o seguinte desenvolvimento para uma noção de história que lhe interessa: a história dos materiais, em contato com a historicidade do homem e dos outros organismos vivos faz parte de um campo integrativo cujas relações são pensadas como conjuntos mais amplos de ações onde todos os seus participantes constituem materialmente a história de todos e de cada um. A história seria, nesse sentido, um contagem infinitesimal das relações que operaram no espaço de qualquer evolução temporal das relações. As materialidades – compreendidas pelos fluxos de substâncias que as compõem em várias escalas de misturas (Ingold, 2011) – são compostos que abordam um tempo evolucionário, uma malha (*meshwork*) de estados que se deram no passado e que são adicionadas de outros contatos operados no presente. A história se materializa nos organismos em geral, que são adensamentos de contatos, trocas e fluxos substantivos. Logo, o espaço da história não é simplesmente um lugar simbólico imaginativo e memorialístico, mas a materialidade das coisas mesmas, que são como uma *story-telling* muito verdadeira dos mundos da vida. O mundo empírico é o lugar da história a se contar pelos seus organismos em contato, que são materialidades de toda ordem.

A hipótese produzida aqui é a de que essa longa observação conceitual ingoldiana sobre a história possa ser colocada a serviço da etnografia. Sobre esse método é possível localizar algumas definições no autor que compreendem que: nada diferente das outras técnicas, em que o mundo precisa ser fenomenologicamente “presentificado” para poder ser aproveitado e “modificado”, a etnografia também precisa desse conhecimento à altura das mãos “e dos pés” para poder produzir um engajamento compreensivo junto ao mundo (Ingold, 2011:33). O etnógrafo seria aquele que mantém vínculos sensíveis com materialidades e suas histórias, com as tipologias de substâncias, também com os vivos, e participa, como interferente prático, das transformações ocorridas nos mundos da vida. Sua “contagem da história” (*story-telling*), que é uma escrita abstraída de relações que são mantidas e desfeitas dentro de certos vínculos temporais, recupera um sentido muito “primitivista” de vagar entre as coisas, repisar as trilhas, experimentar espacialidades como formas de um verdadeiro acoplamento sinestésico e reflexivo com o mundo próximo. Pensado dessa maneira, em que as coisas são buscadas na epistemologia informada pela *ecology of life*, a etnografia se voltaria a ser um “conhecimento espacial”, uma história das espacialidades, mais um componente interativo entre os mundos da vida que são construídos de forma coparticipada pelos entes. Nesse meio de contato, as materialidades podem ser descritas como vãos infinitos de histórias que se relacionaram ou estão em relação recíproca. Cada contato pressupõe muitos outros contatos em processo de construção pelas unidades em relação. Nesse sentido, toda investida de narrar uma história das relações produzidas em campo teria que negociar, necessariamente,

com a existência da narrativa de uma história evolucionária maior de contatos. Mas, além disso, o que garante a existência aplicável dessa conversação entre fundamentos de métodos, entre a etnografia e a ecologia da vida?

Outra entrada possível à conversação entre a etnografia e a ecologia da vida que não seja pelo conceito de história pode tomar algumas indicações argumentativas na ideia de uma *dwelling perspective*, noção que o autor vai abordar juntamente com o conceito de *skill*²⁴. Uma “habilidade” (*skill*) etnográfica dependeria, nesse sentido, de uma vivência efetiva com as espacialidades, um conhecimento vivencial dos espaços, das permissividades relacionais articuladas entre os mundos, de um condicionamento da percepção ao fluxo das matérias e das relações entre as suas unidades mais ordinárias. A habilidade etnográfica estaria investida, então, de uma *dwelling perspective* da realidade.

(...) the study of skill demands a perspective which situates the practitioner, right from the start, in the context of an active engagement with the constituents of his or her surroundings. I call this the ‘dwelling perspective’. Humans, I argue, are brought into existence as organism-persons within a world that is inhabited by beings of manifold kinds, both human and non-human²⁵ (Ingold, 2000:5).

Para falar de uma *dwelling perspective* etnográfica teríamos que revisitar o seguinte conselho do autor: “os ambientes não estão completos, mas em contínuo processo de construção” (Ingold, 2000:172, tradução minha). O desenvolvimento desse comentário nos leva a se perguntar sobre a participação interferente do antropólogo nos mundos da vida, e em que grau o posicionamento no espaço das relações com realidades objetais e subjetais é de fato considerada como uma participação co-constitutiva da experiência de pesquisa. Estar no fluxo da vida seria concebido como um instante de participação com o meio interativo, e não apenas como um vertedor de significados de contexto que vão ser reformatados por uma escrita analítica num segundo momento. Como aparece no trecho citado, as relações que se mantêm e que são etnografadas em campo seriam entendidas como subconjuntos de outras relações ecológicas que se efetivam entre unidades do mundo físico dentro do qual o pesquisador se movimenta. A realidade objetal, e não somente objetiva das casuísticas, seria sempre sopesada nas suas consequências informativas ao produto da escrita (e da *skill*) etnográfica. Até que ponto pode-se pensar o etnógrafo como um corpo e a sua espacialidade interferente?

No começo deste ensaio tratei de algumas “figuras seccionais” que marcam a epistemologia e as técnicas de pesquisa em antropologia e em outros meios disciplinares, tais como a ideia de “recorte” (de uma problemática de investigação), “destaque” (de um campo vivencial), “distanciamento” (como marca de qualquer objetividade), “distinção/classificação” (de formas, conteúdos e conceitos operacionais de uma analítica), entre outros. Todos os recursos terminológicos da lida científica propiciada pela antropologia e outras ciências tendem a propor princípios de secção entre a produção do motivo da pesquisa e a realidade ordinária onde dizemos “nos fazer ou estar em campo”. Esses usos metodológicos demonstram como qualquer “perspectiva da integração” entre mundos e suas unidades de viventes ainda é uma abordagem precariamente exercitada de forma ativa. De todo modo, o esforço que se tenta antever é o de certificar que essa “ecologia da vida” possa ser uma chamada bastante forte para a necessidade de “habitar o mundo” (Ingold, 2007:38) sempre quando intencionamos nos dizer em campo. A esperança aqui afirmada é a de que uma “etnografia à mão” – em que habitar significa buscar nexos de uma participação integrativa com todos os seus elementos, empreendendo contatos, conhecendo acessos – sirva à sensibilidade da busca etnográfica por informações, complexificando qualitativamente nossas descrições.

[24] N. de E.: Habilidad.

[25] (...) el estudio de las habilidades demanda una perspectiva la cual situé a quien esta llevando adelante la práctica, desde el mismo principio, en el contexto de un involucramiento activo con los que constituyen sus alrededores. Llamo a esto la “perspectiva de la morada”. Los humanos, sostengo, son traídos a la existencia como personas-organismos en un mundo que es habitado por seres de múltiples tipos, tanto humanos como no humanos

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclusivamente à sua proposta inicial, o ensaio procurou demonstrar que muitas das noções que organizam a ordem conceitual da obra de Tim Ingold estão baseadas numa concepção espacial. Creio que essa ideia esteja justificada por pelos menos três sentidos que definem “espacialidade”: [a.] espaço não é apenas um apriorismo categórico, o que faz diferir os fundamentos da obra de Ingold da proposta transcendental kantiana e de qualquer outra que qualifique esse conceito como unidade discreta da mente; [b.] o espaço é um meio de continuidades, em construção e se apresentando como o lugar mais representativo das relações ecológicas entre os entes, o que também explica que a espacialidade não funciona como um fixador de relações, mas como um resultado criativo das mesmas, um estado e um produto onde as condições são mutuamente dispostas e formuladas ativamente pelas unidades integrantes; [c.] o espaço é o meio de interferência criativa da proposta etnográfica, do engajamento do pesquisador num certo lugar das relações: a etnografia pode ser lida, a partir de uma associação entre a *ecology of life* e o método antropológico, como um “conhecimento espacial”, uma maneira coparticipada de estar nas relações que possui o seu prático efeito, e onde o resultado vivencial de qualquer encontro entre entes que se diferenciam de algum modo é possível segundo o compartilhamento de modos de habitar e de saber dispor sua existência dentro de uma realidade material imediata.

Perceber que a proposta fenomenológica de Ingold, se colocada à contribuição do método etnográfico, tende a reavaliar aquilo que é o veio originário desse exercício metodológico em antropologia: a produção do “conteúdo compreensivo” resultante da aproximação de unidades relacionais cujos mundos de engajamento imediato não são coincidentes. A crítica que tomo de empréstimo das observações da *ecology of life* recai sobre a valorização do caráter apenas gnosiológico e cognitivo do encontro etnográfico, em desprestígio da vivência fiscalista, da participação construtiva e existencial que envolve a estada do etnógrafo num espaço de relações propostas. Visto por essa leitura, os escritos de Tim Ingold se apresentam, a um só tempo, como uma maneira de lembrar dos princípios da vivencialidade, da coparticipação e da co-construção existencial que sempre fizeram parte da proposta de método e de acúmulo de conhecimento da etnografia, assim como uma maneira de reforçar o valor da espacialidade como um resultado expressivo dos interacionamentos entre unidades dos mundos da vida. Nesse último ponto, critica-se o problema dos encontros nodais enfocados pela teoria ator-rede (Latour, 2005), que dá importância à matéria dos contatos instanciais entre os entes, para oferecer relevância a uma noção de espaço habitável, experienciável e compreensível que é “topologicamente fluido” (Ingold, 2011:64, tradução minha). Substitui-se, nessa altura, a atenção sobre os “nós das redes” latourianas pelo “fluxo das materialidades” ingoldianas como maneira de informar os procedimentos etnográficos do ponto de vista do seu método e do seu valor social epistêmico.

O exercício testado pelo ensaio se baseou numa revisão de conteúdos teóricos e numa tentativa que acredito ser incipiente à minha própria compreensão sobre a antropologia desse autor. O ensaio ainda se permitiu aduzir algumas entradas hipotéticas à obra de Tim Ingold. Testar iniciativas interpretativas de armar e desarmar certas hipóteses e experimentos teóricos no interior das ideias se justifica pelo fato de que, embora diante do seu potencial revisionista e complementar a muitas entradas de métodos e teorias relevantes à antropologia, o seu projeto intelectual ainda se ressinta de uma baixa comunicabilidade com o campo antropológico em geral. Outros complicadores devem explicar essa pouca absorção da teoria de Ingold que não sejam os entraves advindos de uma suposta incapacidade autoexplicativa dos escritos desse autor. Pelo contrário, a vantagem da qual esse ensaio pode contar resulta justamente da qualidade atual e amplamente comunicante que as várias produções citadas vertem em direção a um número complexo de áreas diferenciadas do conhecimento dentre as quais a antropologia é apenas mais uma.

Depois do que foi empreendido, o objetivo resultante é o de sempre que possível retornar aos textos do autor e dar prosseguimento a um projeto analítico de conversar com as suas potencialidades, também as referindo com o que é da ordem da produção etnográfica atual nas suas subdisciplinas antropológicas. É necessário ter compreendido aqui que aquilo que se tem à mão no exercício proposto por Tim Ingold se afigura como mais do que um contestado à antropologia, e mais do que um acontecimento inaugural dentro dessa tradição de pensamento: seu esforço é por recolocar em prova certas intensidades de análise que sempre foram avistadas por essa forma de conhecimento, lembrando-nos

do insubstituível valor que possui os espaços do habitar, transformar, produzir e conhecer que enchem humanos e não humanos dentro de relações em que nós, antropólogos, de maneira flexionada, conseguimos nos engajar e também nos espaçar em busca de repetir o instante ficcional literário desse encontro aos pesquisadores. É, antes de tudo, ao engrandecimento de todos os encontros produtivos de conhecimento a que serve a reflexão ingoldiana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERGSON, H. 1911. *Creative evolution*. London, Macmillan. Primeira edição.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 1996. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo, Editora 34.
- GIBSON, J. J. 1979. *The ecological approach to visual perception*. Boston, Houghton Mifflin.
- INGOLD, Tim. 1993. "The temporality of the landscape". *World Archaeology*, Vol. 25, No 2, pp. 152 a 174.
- _____. 1976. *The Skolt Lapps today*. Cambridge, Cambridge University Press.
- _____. 1980. *Hunters, pastoralists and ranchers: reindeer economies and their transformations*. Cambridge, Cambridge University Press.
- _____. 1986a. *The appropriation of nature: essays on human ecology and social relations*. Manchester, Manchester University Press.
- _____. 1986b. *Evolution and social life*. Cambridge, Cambridge University Press.
- _____. 1987. "Territoriality and tenure: the appropriation of space in hunting and gathering societies". En: *The appropriation of nature: essays on human ecology and social relations*, pp. 130-164. Iowa City: University of Iowa Press.
- _____. 2000. *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. London, Routledge.
- _____. 2007. *Lines: a brief history*. London, Routledge.
- _____. 2008. "Tres en uno: cómo disolver las distinciones entre cuerpo, mente y cultura". En Sanches-Criado, Tomás (ed.): *Tecnogénesis. La construcción técnica de las ecologías humanas*. Madrid, AIBR.
- _____. 2011. *Being Alive: essays on movement, knowledge and description*. London, Routledge.
- KANT, Immanuel. 1987 [1787]. "Da doutrina transcendental dos elementos: estética transcendental: do espaço". En: *Crítica da razão pura*. São Paulo, Editora Nova Cultural. Quarta Edição. pp. 13 a 45.
- LATOUR, Bruno. 2005. *Reassembling the social: an introduction to Actor-Network-Theory*. New York, Oxford University Press.
- MAUSS, Marcel. 1979. "Body techniques". En: *Sociology and Psychology: Essays*. London, Routledge and Kegan Paul, pp. 97-123.
- RADCLIFFE-BROWN, Alfred R. 1951. "The comparative method in social anthropology". *Journal of the Royal Anthropological Institute*, v.81, pp.15 a 22.
- SIMMEL, Georg. 1984. *On individuality and social forms*. Chicago, Chicago University Press.

